Nº 24
VOLUME 02
Junho
2003

Galante

Scriptorin Candinha Bezerra
FUNDAÇÃO HÉLIO GALVÃO

TOPONÍMIA

Nomes e lugares

Seja você um motorista ou um pedestre, deve ter-se visto, muitas vezes, na necessidade de saber o nome de uma rua, de um lugar, de um povoado qualquer.

Barra do Cunhaú/RN

Labim/UFRN

Praia de Ponta Negra - Morro do Careca - Natal/RN

Ou curioso em saber o motivo de um lugar ser conhecido por determinada denominação, engraçada ou poética. Ou, mesmo, sem qualquer motivo consciente, como o leitor de Conan Doyle, que vê grafado o endereço de Sherlock Holmes.

À denominação dos lugares dá-se o nome de topônimo. E, ao estudo lingüístico ou histórico de sua origem, bem como ao próprio costume de atribuir-se tal denominação, chamamos toponímia, parte da onomatologia, que é a classificação dos nomes e o estudo do significado e da formação dos vocábulos científicos.

Você não precisa sair de casa para se ver diante de nomes como Rive Gauche (Margem Esquerda), Rue de Chat-qui-Pêche (Rua do Gato-que-pesca), Rue de Jacquard (Rua do Tecelão), Rue de Jour-se-lêve (Rua do amanhecer), Porte de la Chapelle (Porta da Capela), Haymarket (Mercado do Feno), Convent Garden (Jardim do Convento), Baker Street (Rua do Padeiro), Beco da Lama, Beco da Quarentena, Quinze, Morro do Madeiro. Seja em Paris ou Londres, em Natal ou Tibau do Sul ou em Caiçara do Rio dos Ventos, revela-se a atividade do homem em sociedade pela atribuição de nome a acidentes geográficos, a divisões administrativas, a vias ou a meros lugares, como um entroncamento, uma esquina.

Essas nominações, hoje também usadas para homenagear a essa ou àquela personagem nem sempre merecedora de ser lembrada, data de tempos idos quando o homem, ainda caçador, viu-se ante a necessidade de identificar pontos de referência para orientar-se.

É verdade que isso não elimina por completo a dificuldade de orientação ou de localização, dificuldade crescente como decorrência do crescimento vertiginoso da geografia humana, ocasionando a necessidade de absorção de toponímias novas, algumas recém-vindas. A sabedoria popular ilustra bem a necessidade da toponímia. Quem não conhece a anedota velha, sobre a indicação da distância a que estaria o lugar procurado, quando, ouvindo a pergunta, a resposta dos caboclos vinha invariável: "É bem ali!" Seguida do gesto de esticar o lábio inferior. E toque a andar... E quem não ouviu já a orientação: "Quando chegar a uma mangueira do lado esquerdo, dobre à direita". Ou: "Entre na primeira rua à esquerda, vá em frente, no sétimo poste, dobre à direita, vá até o fim e dobre novamente à esquerda; é a quarta casa". Ou, ainda pior: "Do começo da estrada, marque 1 km. É mesmo em frente". Impossível orientar-se bem sem referências precisas.

Nas pequenas comunidades, bastam a indicação de um acidente geográfico, a referência a uma característica peculiar, nem sempre permanente, ou a algum imóvel.

Praia do Forte - Natal/RN

Praia da Pipa - Chapadão - Pipa/RN

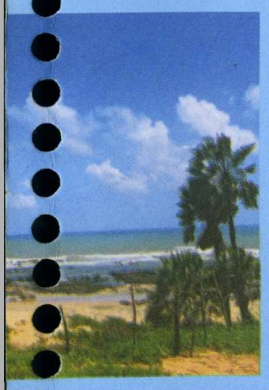
Praia de Touros - To

Daí alguns nomes perpetuados sem que se possa identificar a origem. Nas cidades grandes, alguns topônimos remanescem como se viu acima: Londres não deve ter mais um Mercado de Feno e as Portas de Paris não mais controlam a entrada e saída da cidade. Nem sempre está clara a lógica da atribuição dessas denominações. Só para lembrar: ali em Goianinha, o rio que passa sob a estrada que demanda Piau era chamado "Rio da Ponte". O "Grande Ponto", em Natal, era um logradouro, de limites mais ou menos indeterminados, na rua João Pessoa, en[illegible] a Av. Rio Branco e a rua Princesa Isabel (antes "13 de Maio"): a origem do nome estaria em uma sorveteria assim chamada. O "Baldo" indica, também, um trecho indeterminado na confluência das Avenidas Deodoro, Rio

Labim/UFRN

Branco e Fonseca e Silva, onde primitivamente existia uma ponte passando sobre o riacho que vem da Lagoa Manoel Felipe e de Lagoa Seca. Não sendo corruptela relativa a prováveis recipientes utilizados por antigas lavadeiras, os baldes, desconheço a origem do nome, mas era ali que eram lavadas as roupas de muita gente na primeira metade do século XX, E, das proximidades, era retirada a água que abastecia a cidade, como informava Januário Cicco , em escrito sobre o abastecimento de Natal.

Algumas vezes, o conhecimento da história ajuda. Vila Flor tem esse nome, apesar de ostentar a categoria de cidade, porque foi assim, reunidos os elementos de sua denominação, que ficou ela conhecida, mesmo depois de perder a condição de sede municipal para Penha, hoje Canguaretama: naquele tempo, a sede municipal tinha a categoria de Vila. Por esse mesmo motivo, depois de destruída a Vila de Cuitezeiras, seus habitantes construíram a "Vila Nova", que depois veio a chamar-se Pedro Velho.



Açude Gargalheiras - Acari/RN

Farol de Mãe Luiza - Natal/RN

Canguaretama decorre de um equívoco, nunca reconhecido, nem reparado. Houve um momento em que, influência do movimento nativista, procuravam-se as raízes indígenas de nossa civilização, traços deixados pelos primitivos habitantes do Brasil.

Não se conformaram os pesquisadores com a identificação de alguns topônimos, principalmente de rios e, por extensão, de cidades erguidas a suas margens - Mossoró, Açu, Acari, Ceará-Mirim, Jacu, Curimatau, Catu, Seridó - em que a presença do índio era identificada.

E pretenderam reescrever a história, restaurando o que entendiam ser o nome primitivo, substituído pelo colonizador. E lá veio lei mudando o nome de Lajes para *Itaretama* e o de Penha para Canguaretama. Lajes conseguiu manter-se, restando apenas a lembrança do fato no prédio da velha estação ferroviária, que também ficou sem função, nome inscrito na fachada, como se fazia antigamente. Mas, Penha perdeu a parada.

Como dito, nem sempre há uma lógica, ou nem sempre a lógica de denominação se revela facilmente.

A pesquisa sobre a denominação de vilas, povoados, cidades, logradouros públicos ou região envolve a investigação interdisciplinar, podendo passar pela história, geografia, etnologia, filologia e pelas subdivisões da toponímia. Em Natal e proximidades, ainda subsistem algumas denominações tradicionais, relativas a nomes de lugares, sejam de origem indígena - Pirangí, Pitanguí, Muriú, Tabatinga - sejam decorrentes de alguma característica local - Areia Preta, Praia do Meio, Barreira Roxa, Ponta Negra, Morro do Careca, Rocas, Ribeira. Alecrim, Cidade Alta - ou mesmo de algum fato marcante - Brasília Teimosa, contemporânea da capital federal. De alguns nomes a informação relativa a origem toponímica vai se dispersando entre as brumas do tempo, pelas gerações mais novas. Mãe Luiza, Quintas, Barreta. De outras, é difícil, hoje, entender a originalidade. Lagoa Seca e Lagoa Nova: ninguém acredita que havia mesmo lagoas nas imediações desses bairros. A preocupação de todos que se debruçam sobre

Galante
Scriptorim Candinha Bezerra
FUNDAÇÃO HÉLIO GALVÃO
Fone: (84) 211-8241/fax: 211-8790

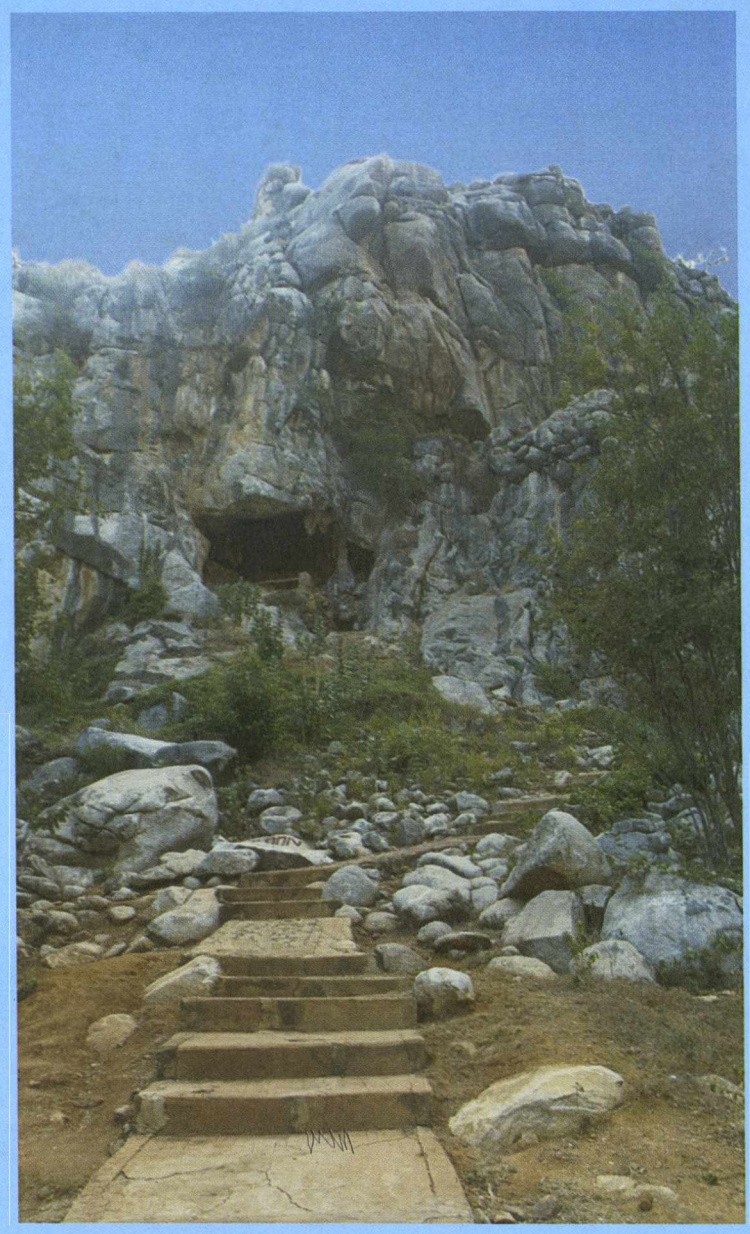
Direção Artística e de Pesquisa
Dácio Galvão

Fotografias
Candinha Bezerra

Colaborador
José Arno Galvão
Advogado

Programação visual
CO2 COMUNICAÇÃO

Beco da Lama - Cidade Alta - Natal/RN



Casa de Pedra - Martins/RN

Beco da Quarentena - Ribeira - Natal/RN

esse universo, revelador de história local, de costumes perdidos, de fatos e de pessoas esquecidos é capital para a permanência identificadora: a possibilidade de mudanças indiscriminadas poderá levar à perda desses autênticos marcos culturais. Quem ainda se lembra que Caiada de Cima e Caiada de Baixo eram os topônimos atribuídos pela população a Presidente Juscelino e a Senador Eloy de Souza; ou que o Município de João Câmara já foi chamado poeticamente de Baixa Verde? Quem sabe que Arez já foi Guaraíras, nome da lagoa a cujas margens foi erguida. Senador Georgino Avelino já foi Surubajá, antes Beirada (dava briga quando os tibauseiros, isto é, os moradores de Tibau do Sul, chamavam aos lá residentes de "beradeiros"). Quem se lembra do Carrasco, nome popular do bairro Dix-sept-Rosado? Nesses casos, a antroponímia, ramo da onomástica, radicalmente não colaborou com a tradição popular.

É grave e preocupante a perda desses valores culturais envolvendo os poderes públicos, quando a toponímia é desconsiderada, inclusive por dispositivos legais. Muitas vezes a ignorância e a insensibilidade predominam.

Em Parnamirim, uma lei estadual mudou-lhe o nome para Eduardo Gomes, numa homenagem ao Brigadeiro, fundador da Aeronáutica. Dizem que foi medida oportunista, sendo o autor da proposição premiado com Medalha de Mérito pelo feito. Mas, nem as autoridades municipais, nem a população foram consultadas. Somente com a redemocratização, a denominação anterior, internacionalmente conhecida, foi restaurada.

Renomear as denominações tradicionais é importante, fundamental. A Lei Orgânica do Município de Natal melhorou as coisas, ao cercar de exigências legais a mudança de nome de ruas e logradouros.

Falta resgatar os nomes tradicionais esquecidos. Algo como foi feito no Recife, onde as placas indicativas contêm, além do nome atual, a antiga denominação.

Às vezes, com a colaboração da imprensa, alguns topônimos são alterados ou perdidos. Quando um Prefeito quis mudar o nome da Praça Pedro Velho para Praça Cívica, o periódico Diário de Natal fez uma campanha que obrigou ao recuo. Hoje, com freqüência, os órgãos de divulgação, inclusive o próprio Diário, utilizam-se da denominação que nunca foi oficializada.

Nesse processo, até o nome de nossa cidade vem sofrendo atentados. Ninguém diz: "**Vou para o Natal**" ou "Estou no Natal". Dizemos sempre: **vou p'ra Natal, estou em Natal**. Mas, por macaquice em relação ao Rio de Janeiro e ao Recife, acharam de colocar nos documentos oficiais que moramos no **Município do Natal**. Até a Lei Orgânica foi na onda, afirmando ser essa a denominação oficial. Mas, traindo-se, o propagandista oficial reconhece: "**Natal é mais Natal em Natal.**"

PROJETO NAÇÃO Potiguar
www.proj-nacaopotiguar.com.br

UnP UNIVERSIDADE POTIGUAR
www.unp.br
Nossa cultura, nosso saber.